

MAPEAMENTO DOS FATORES LINGUÍSTICOS E SOCIAIS RELEVANTES PARA A VARIÇÃO NA CONCORDÂNCIA ENTRE VERBO-SUJEITO NA 3ª PESSOA DO PLURAL NO FALAR BRASILEIRO

Maria Lidiane de Sousa Pereira*
Aluiza Alves de Araújo**

Resumo: Neste trabalho, realizamos um levantamento bibliográfico de estudos sobre a variação na concordância entre verbo-sujeito na 3ª pessoa do plural (3PP) no português falado no Brasil. Objetivamos mapear quais fatores linguísticos e sociais interferem na manutenção e/ou cancelamento das marcas de concordância padrão em um dos fenômenos variáveis mais recorrentes no falar brasileiro. Para tanto, selecionamos sete pesquisas conduzidas à luz da Sociolinguística variacionista (LABOV, 2001, 2008 [1972]) sobre o fenômeno em tela, realizadas na última década, em quatro das cinco regiões do nosso país. Com isso, verificamos que os fatores linguísticos mais influentes para a variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP são: saliência fônica, realização e posição do sujeito e paralelismo formal no nível oracional. Dentre os sociais, se destacam: faixa etária, sexo/gênero e nível de escolaridade.

Palavras-chave: Concordância Verbal. Variação linguística. Mapeamento. Fatores linguísticos e sociais.

Abstract: In this work we make a bibliographical survey of the studies about variation in the agreement between verb-subject in the 3rd person plural (3PP) in the Portuguese spoken in Brazil. Our main goal is to map which social and linguistic factors interfere in the maintenance and/or erasing of the standard agreement marks in one of the most recurrent variable phenomenon in the spoken Brazilian Portuguese. To do so, it was selected seven researches conducted by the light of the variationist Sociolinguistics (LABOV, 2001, 2008 [1972]) about the phenomenon on screen, made in the last decade, in four of the five regions of Brazil. With this, we verified that the most influential factors to the variation in the agreement between verb-subject in the 3PP are: phonemic protruding, performance and position of the subject and formal parallelism in the clausal level. Amongst the social, it was highlighted: age, sex/gender and education level.

Keywords: Verbal Agreement. Linguistics variation. Mapping. Linguistics and social factors.

Palavras Iniciais

Em meados da década de 1960, assistimos ao surgimento de diversas áreas pautadas em posturas externalistas para a observação do fenômeno linguístico contra as abordagens imanentistas que impregnaram o cenário da Linguística, pelo menos até a primeira metade do século passado. Dentre tais áreas, podemos citar a Sociolinguística Variacionista, a

* Mestranda em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará. Graduada em Letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA/2014). E-mail: lidiane.lidiarock@hotmail.com

** Doutora e mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará. E-mail: aluizazinha@hotmail.com

Pragmática, a Semântica Enunciativa, a Linguística Textual, a Análise do Discurso, dentre outras (MORATO, 2011). Entre elas, destacamos a primeira, cujo precursor é o linguista norte americano William Labov. Para a referida vertente, analisar como a correlação entre fatores linguísticos e sociais influencia os diversos fenômenos de variação e mudança linguística é tarefa trivial.

Ao longo das últimas cinco décadas, essa área de estudos se tornou, a nosso ver, uma das mais frutíferas para a observação das relações entre sociedade e línguas naturais, entendidas como fenômenos sociais e, portanto, dotadas de inegável heterogeneidade. A partir disso, a Sociolinguística variacionista (LABOV, 2001, 2008 [1972]) assume que, ao lado das chamadas regras categóricas, é possível encontrar inúmeras regras variáveis, as quais permitem que “em certos contextos linguísticos, sociais e estilísticos, falemos de uma forma e, em outros contextos, de outra forma” (COELHO, *et al.*, 2015, p. 60). É, pois, justamente, sobre as regras variáveis que recaem as atenções dos estudiosos vinculados à Sociolinguística variacionista.

No falar brasileiro, o comportamento variável da concordância entre verbo-sujeito na 3ª pessoa do plural (3PP) vem sendo amplamente documentado pelos sociovariacionistas que buscam, sempre com base em dados coletados em situações reais de interação, observar quais fatores linguísticos e sociais interferem no fato de que, ora os falantes usam as marcas de concordância padrão (**Nossos filhos são** o futuro de amanhã), ora não (**Mocinhas de dez anos** que pra mim é crianças)¹. Frisamos que sobre esta última variante linguística - forma alternativa de se dizer a mesma coisa, do ponto de vista referencial (LABOV, 2008 [1972]) - recaem, frequentemente, valores negativos.

Diante disso, convém destacar que os valores positivos ou negativos lançados sobre nossas variantes linguísticas nunca são atribuídos por razões que lhe são próprias, visto que não há, do ponto de vista linguístico, nenhuma forma superior ou inferior à outra. Na verdade, o acarretamento de valores às formas variantes ocorre por meio de uma teia extremamente complexa de relações sociais nas quais se evidenciam tensões de poder refletidas nas línguas, pois, como bem nos diz Gnerre (1985, p. 4, aspas no original) “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”.

¹ Ilustrações retidas de Oliveira (2005, p.117). Destaques no original.

Tendo como pano de fundo esse cenário, realizamos, no espaço deste artigo, um mapeamento dos fatores linguísticos e sociais que têm influenciado a manutenção, bem como o cancelamento das marcas de concordância padrão entre verbo-sujeito na 3PP no português falado pelos brasileiros em quatro das cinco regiões do nosso país. Defendemos a necessidade de oferecer um panorama acerca desses fatores, visto que o uso da variante não- padrão é, conforme já sinalizamos, tida como uma espécie de deficiência. Neste sentido, acreditamos que conhecer os fatores que asseguram o uso de uma ou de outra variante, no uso real da língua, é de suma importância para a quebra de preconceitos.

Para atingir nosso objetivo, realizamos um levantamento bibliográfico de trabalhos sobre o fenômeno em tela. Para a seleção dessas pesquisas, adotamos três critérios: (i) o estudo deveria ter como aporte teórico-metodológico os pressupostos da Sociolinguística variacionista (LABOV, 2001, 2008 [1972]); (ii) o trabalho deveria ter sido realizado com base na linguagem oral² de falantes devidamente situados em suas respectivas comunidades de fala e (iii): demos preferência aos estudos desenvolvidos na última década em diferentes regiões brasileiras, foram eles: Oliveira (2005) e Alves da Silva (2005), para a região Nordeste; Sgarbi (2006), no Centro-Oeste; Almeida (2006) e Monguilhott (2009), para a região Sul; Monte (2007) e Rubio (2008), para a região Sudeste.

A respeito da seleção dos trabalhos, frisamos ainda que, embora tenhamos optado por selecioná-los em diferentes regiões brasileiras, não estabelecemos nenhum critério quanto à seleção das pesquisas por estado. Além disso, optamos, de início, por selecionar, no mínimo, dois trabalhos por região. Contudo, até o término deste artigo, tomamos conhecimento apenas do trabalho de Sgarbi (2006), para a região Centro-Oeste e de nenhum estudo para a região Norte do Brasil. Tais fatos podem indicar que, apesar de ser um fenômeno amplamente estudado no português do Brasil, verificamos a carência de trabalhos sociovariacionistas sobre a variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP em alguns pontos do país.

² Embora tenhamos selecionado apenas trabalhos realizados com base na linguagem oral, é sabido que a variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP também vem sendo documentada com base em dados retirados da linguagem escrita dos brasileiros (ALMEIDA, 2010; ALMEIDA; ANTONINO, 2011).

Seguindo critérios metodológicos, dividimos este trabalho em duas grandes seções, além desta introdução e de nossas considerações. Assim, apresentamos, na primeira seção, os principais fatores linguísticos e sociais que se mostraram pertinentes para os estudos que selecionamos. Ressaltamos que, em função do excessivo número de fatores, principalmente de natureza linguística, indicamos, por estudo, apenas os dois primeiros. Na segunda seção, tecemos alguns comentários sobre os resultados obtidos para os grupos de fatores analisados nos estudos que consideramos e sobre algumas das expectativas que os pesquisadores nutriam ao testá-los. Por último, frisamos que, em função das notáveis diferenças entre a constituição das amostras, evitamos estabelecer comparações entre os resultados.

Variação na concordância verbal com a 3PP: olhares sociovariacionistas

Região Nordeste

Oliveira (2005) observou a variação na CV com a 3PP a partir de amostra de fala colhida em Vitória da Conquista – BA. O *corpus* de seu estudo, resultante de atividades de pesquisas em Sociolinguística variacionista realizadas pela Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB), foi construído a partir de 48 inquéritos de informantes nascidos e residentes na região. Esses falantes foram estratificados segundo o sexo: 16 homens e 16 mulheres; três faixas etárias: I (15 a 25 anos), II (26 a 49 anos), III (acima de 50 anos) e três níveis de escolarização: I (fundamental), II (médio), III (superior). Esses grupos foram elencados como os fatores sociais testados na pesquisa.

Ao longo dos 32 inquéritos selecionados pela estudiosa, foram coletados 3.200 dados para as ocorrências de variação entre verbo-sujeito na 3PP. Dentre tais ocorrências, 49% apresentavam ausência de concordância padrão, contra 51% da concordância padrão. A partir disso, o pacote de programas computacionais, conhecido como VARBRUL³ selecionou, nessa mesma ordem de relevância, os grupos de fatores linguísticos conhecidos como *saliência fônica e realização, posição e distância do sujeito na oração*. Dentre os fatores

³ O VARBRUL é um pacote de programas computacionais, bastante usado pelos sociovariacionistas que, descreve padrões de variação entre formas variantes e fornece cálculos, apontando a frequência de uso e o peso para cada uma delas (GUY; ZILLES, 2007). Foi introduzido por Rousseau e Sankoff em 1978 (Cf. PINTZUK, 1988). Atualmente, muitos estudiosos têm trabalhado também com o GoldVarb X, uma versão do VARBRUL para o ambiente do *Windows* (SANKOFF; TAGLIAMONT; SMITH, 2005). Em todos os trabalhos considerados aqui, os autores utilizaram um desses programas.

sociais, foram apontados como relevantes, também nessa ordem, os fatores *níveis de escolaridade e faixa etária*.

Para a observação cuidadosa do seu primeiro grupo de fatores selecionado, isso é, a *saliência fônica*, Oliveira (2005) estabeleceu dois níveis: I (formas menos salientes) e II (formas mais salientes). Para o primeiro, foram verificados índices de ausência de concordância padrão mais elevados do que no segundo. Seus dois extremos foram marcados pelos fatores 1a, no primeiro e 2c, no segundo. No primeiro, a autora situou as formas que apresentavam oposição entre vogal oral, vogal nasal e ditongação, sendo o verbo, em sua forma plural, terminado em vogais médias anteriores (*ame/amem, vende/vendem, parte/partem*⁴ etc.), nele, a concordância não-padrão atingiu um percentual de 68% e peso relativo (PR)⁵ de 0.73. No segundo, a autora situou as formas que apresentavam acréscimo de segmento e mudança de raiz completa ou não (*é/são, fez/fizeram, tive/tiveram* etc.), tais formais não favoreceram o uso da concordância não-padrão com, 27% com PR 0.20.

Para a segunda variável, *realização, posição e distância entre verbo-sujeito da oração*, os resultados apontaram um percentual de 40% e PR de 0.39 para o uso da concordância não-padrão em sentenças nas quais o sujeito se encontrava marcado anteposto, imediatamente próximo ao verbo (*eles ficam observando*), esses resultados indicam o referido fator como desfavorável ao uso da concordância não-padrão. Por outro lado, o fator sujeito anteposto, presente na pergunta do documentador sem estímulo para a concordância (Doc⁶: *você acha que eles vai fazer isso de novo? Inf.: vai.*) se mostrou o grande aliado ao uso da concordância não-padrão, com percentual de 77% e 0.79 de PR.

A primeira variável social selecionada foi a *escolaridade*. Com ela, Oliveira (2005) descobriu que, em sua amostra, os falantes com ensino fundamental favorecem o uso da concordância não-padrão com 61% de frequência e 0.67 de PR. Em contrapartida, os falantes com ensino médio e superior, não se mostraram aliados ao uso da concordância não-padrão com 46% e 0.49, para os primeiros e, 34% e 0.28, para os segundos. Com a variável

⁴ Todos os exemplos desta seção foram retirados dos trabalhos originais.

⁵ É denominado de peso relativo a indicação do efeito que cada fator selecionado exerce sobre as variantes observadas. É interpretado como favorável, para uma variável binária, se o valor for superior a 0.50, como inibidor se for inferior a 0.50 e como neutro se for igual a 0.50. Já para uma variável ternária, ou seja, com três variantes, o ponto neutro é 0.33, com quatro é 0.25 e com cinco variantes, o ponto neutro é entendido como 0.20 (SCHERRE; NARO, 2012).

⁶ Doc. Documentador; Inf. Informante.

faixa etária, foram obtidos os seguintes índices para o uso da concordância não-padrão: 46% e PR 0.38 para a faixa I (15-25 anos), 44% e PR 0.48 para a faixa II (26-49 anos) e 55% e PR 0.60 para a faixa III (acima de 50 anos). Tais números apontam os falantes situados na faixa etária III como favoráveis ao uso da concordância não-padrão, enquanto que os falantes das faixas I e II não atuaram de modo favorável ao uso da referida regra.

Em Alves da Silva (2005), foram observadas três comunidades do interior do Estado da Bahia: Poções (urbana), Cinzento e Morrinho (rurais). Os *corpora* de seu estudo fazem parte do *Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia*. Tanto para a primeira cidade, como para a segunda e terceira foram selecionados, para cada *corpus*, 12 informantes, estratificados segundo o sexo: 6 homens e 6 mulheres; faixa etária: I (informantes de 20 a 40 anos), II (informantes de 41 a 60 anos) e III (acima de 61 anos) e grau de escolarização: precária⁷ e analfabetos.

Ao todo, o estudioso registrou 2.100 ocorrências do fenômeno em estudo, dentre as quais 17% apresentavam marcas de concordância padrão e 83% de concordância não-padrão. Tais percentuais indicam que, no momento em que a pesquisa foi realizada, a ausência de concordância padrão entre verbo-sujeito na 3PP figurava como um notável traço linguístico das comunidades investigadas (ALVES DA SILVA, 2005). Traço esse, que estava sendo devidamente influenciado por fatores linguísticos e sociais. Entre os primeiros, foram selecionados, nessa mesma ordem, as variáveis *realização e posição do sujeito* e *concordância nominal*. Dentre os segundos, foram apontados como estatisticamente relevantes, também nessa ordem, o *sexo* e a *faixa etária* do informante.

Para o primeiro grupo de fatores, os dados apontaram que o sujeito anteposto ao verbo (*as coisas foi mudano muito*) foi o fator que favoreceu o uso da concordância padrão, com 18% e PR de 0.54. Em contrapartida, o fator sujeito retomado por um relativo (*os menino que tava não saiu ninguém*) se comportou de modo desfavorável ao uso da concordância padrão, atingindo 12% de frequência e 0.33 de PR. A concordância nominal (*meus meninos vão lá*), também, influenciou a concordância padrão, com frequência de 65% e PR de 0.89. Por outro lado, a ausência de concordância nominal (*os prefeito dava água ao povo*) inibiu a concordância padrão entre verbo-sujeito na 3PP, para esse fator, o percentual de concordância padrão foi de 15% com PR de 0.42.

⁷ Por escolarização precária, o autor entende os anos de escolaridade que giram em torno de 1 a 4 anos.

Dentre as variáveis sociais, a primeira selecionada foi, conforme já indicamos, o *sexo* do informante. Ao analisar o comportamento desse grupo de fatores, Alves da Silva (2005) constatou que falantes do sexo feminino não favorecem o uso da concordância padrão, com percentual de 14% e PR de 0.43, enquanto que informantes do sexo masculino se revelaram aliados no uso da concordância padrão, com percentual de 21% e PR de 0.57. O segundo grupo de fatores sociais selecionado para a pesquisa foi a *faixa etária*. Ao analisá-la, o autor verificou que os falantes tidos como jovens (20 e 40 anos), assim como os que possuíam de 41 a 60 anos, favoreceram a concordância padrão. Para eles, os pesos relativos foram os mesmos, 0.54, enquanto que os percentuais de aplicação das regras foram iguais a 26%, para os primeiros e, 16%, para os segundos. Já para os falantes com mais de 61 anos, os resultados apontaram um percentual de 7% e PR de 0.38 para a concordância padrão, o que os indicou como um fator não favorável para a regra em questão.

Região Centro-Oeste

Sgarbi (2006) estudou a variação entre verbo-sujeito na 3PP com base em amostra de linguagem falada em 30 municípios do Estado do Mato Grosso do Sul, a partir de um *corpus* constituído por 30 dos 77 inquiridos que formavam o *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – ALMS*, o qual, vale lembrar, se encontrava, até o término da pesquisa, em construção. Os falantes selecionados foram devidamente estratificados, conforme o sexo: (15 homens e 15 mulheres); a faixa etária: I (de 12 a 20 anos), II (de 21 a 30 anos), III (de 31 a 49 anos) e IV (acima de 50 anos); a escolaridade: I (nula), II (Ensino Fundamental Incompleto) e III (Ensino Fundamental Completo) e a procedência: (rural e urbana).

Tal estratificação constituiu o quadro dos fatores sociais testados pela autora, sendo a *procedência* e o *sexo* apontados, nessa ordem, como os mais significativos. Ao lado deles, também foram testadas uma série de variáveis linguísticas, dentre as quais, foram apontadas, também nessa ordem, como estatisticamente relevantes *o sujeito pronominal* e *a distância entre verbo-sujeito em número de sílabas*. Frisamos que, para essa pesquisa, foi registrado um total de 832 ocorrências do fenômeno de variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP, com 47% apresentando o emprego das marcas de concordância padrão e 53% correspondendo à concordância não-padrão. Posto isso, observemos, primeiramente, os

resultados obtidos para as variáveis sociais selecionadas, em função de terem sido apontadas como mais relevantes para o estudo.

A variável *procedência* apontou que os falantes oriundos de zonas urbanas tendem a realizar com maior frequência a concordância padrão do que falantes de zonas rurais. Para os primeiros, foi registrado um percentual de 77% e PR de 0.79 no que concerne ao emprego das formas verbais marcadas, ao passo que os segundos atingiram um percentual de 27% e PR de 0.29, para o uso das mesmas marcas, o que indica que eles não favorecem o uso da concordância padrão. O fator *procedência* foi seguido pelo fator *sexo*, com o qual foi indicado que, na amostra analisada, as mulheres estavam favorecendo o uso da concordância padrão, com 74% de frequência e 0.77 de PR, ao contrário dos homens que não se mostraram aliados ao uso da concordância padrão, com 28% e PR de 0.30.

Dentre as variáveis linguísticas, o *sujeito pronominal* foi apontado, em termos estatísticos, como a mais significativa. Para os fatores desse grupo, os dados indicaram que a concordância padrão não é favorecida por construções em que o sujeito é tido como não-pronominal (*os filho do dito leru tudim*) e pronominal explícito (*eles me levam sempre para lá*). Para os primeiros, foi registrado um percentual de 40% e PR de 0.43 e, para o segundo, os dados apontaram 49% de frequência e PR de 0.47 para a concordância padrão. Em sentido oposto, foi atestado que, em construções nas quais o sujeito aparece como um termo pronominal não-explícito (*tinham medo de ir por lá...*), a concordância padrão aparece quase que como uma regra categórica, pois esse fator atingiu um percentual para a marcação de concordância padrão igual a 91% de frequência e PR de 0.92.

O segundo fator linguístico selecionado em Sgarbi (2006), a *distância entre verbo-sujeito em número de sílabas* apontou que a ausência de material fônico entre as formas verbais e seus respectivos sujeitos (*os motoristas dizem que na chuva*), atua como item favorecedor para o emprego da concordância padrão com 50% e PR de 0.60. Já para as construções que apresentam uma ou duas sílabas entre verbo-sujeito (*eles já moraram numa fazenda*), a aplicação da regra de concordância tende a não ser favorecida. Para esse fator, foi registrado um percentual de 40% e PR de 0.48. De igual modo, o fator presença de três ou mais sílabas entre verbo-sujeito (*as meninas lá da vila come bastante*), também não favoreceu o emprego da concordância padrão, com 47% de frequência e PR de 0.24.

Região Sul

Almeida (2006) estudou o comportamento variável da concordância verbal com a 1ª, 2ª e 3ª pessoa do plural na comunidade remanescente de escravos de São Miguel dos Pretos localizada em Restinga – RS. Destacamos que consideramos apenas os resultados obtidos para a última pessoa. Sua amostra foi constituída por 24 informantes: 12 homens e 12 mulheres, estratificados com base em três faixas etárias: I (de 15 a 24 anos), II (de 40 a 64 anos) e III (de 65 a 90 anos)⁸. Ao todo, foram coletados 1.044 dados para a variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP, dentre as quais, 81% apresentavam marcas de concordância padrão e 19% assinalavam a concordância não-padrão. Para essa pesquisa, foram apontadas, nessa ordem, como estatisticamente relevantes, as variáveis linguísticas *saliência fônica* e *posição do sujeito em relação ao verbo*. Dentre as variáveis sociais, apenas a *faixa etária* foi selecionada.

Para a variável *saliência fônica*, as formas verbais menos salientes atuaram no sentido de não favorecer a concordância padrão, ao passo que formas consideradas mais salientes impulsionaram a referida regra. Para as formas menos salientes, os índices e pesos relativos para o uso da concordância padrão foram: 34% e 0.08 (*fale/falem*), 81% e PR de 0.38 (*fala/falam*) e 41% com PR igual a 0.15 (*faz/fazem*). Para as formas mais salientes, foram atingidos os seguintes percentuais e pesos para a aplicação da concordância padrão entre verbo-sujeito na 3PP: 87% e 0.57 (*dá/dão*), 89% e PR de 0.64 (*falou/falaram*), 98% e 0.90 (*fez/fizeram*) e 91% com PR igual a 0.73 (*é/são*). Para a variável *posição do sujeito em relação ao verbo*, o fator sujeito anteposto com ou sem material fônico entre ele e o verbo (*Eles não podem saber*) favoreceu a concordância padrão com 83% e PR de 0.56. Em contrapartida, o fator sujeito posposto ao verbo (*chega eles e...*) não favoreceu o uso da concordância padrão, com 51% e PR 0.13.

No âmbito das variáveis sociais, a *faixa etária* indicou que os informantes da faixa I (de 15 a 24 anos) estavam favorecendo a concordância padrão, com 83% e PR de 0.64, assim como os falantes da faixa II (de 40 a 64 anos) que, também, favoreceram o uso da forma padronizada, com 82% e 0.56. Em sentido contrário, foi observado que falantes da

⁸ Em Oliveira (2006), os falantes não foram estratificados em escolaridades diferentes.

faixa III (acima de 64) não se revelaram aliados ao uso da concordância padrão, com percentagem igual a 79% e PR de 0.38.

Monguilhott (2009) estudou a variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP sincrônica e diacronicamente em duas comunidades de fala: Florianópolis – SC e Lisboa, capital de Portugal. Ressaltamos que nos detemos apenas nos resultados obtidos para as análises sincrônicas, realizadas na comunidade de Florianópolis. A amostra usada em seu estudo foi constituída por 16 entrevistas nas quais os informantes foram estratificados segundo sexo: homens e mulheres (jovens e velhos) e escolaridade (superior e fundamental).

Ao submeter 794 ocorrências do fenômeno investigado ao programa computacional Goldvarb X, 80% delas indicaram a manutenção das regras de concordância padrão e 19% a concordância não-padrão. Além dos percentuais referentes à ausência e presença da concordância padrão, foram apontadas como estatisticamente relevantes, nessa ordem, as variáveis linguísticas *saliência fônica* e o *paralelismo formal no nível oracional*. Já entre as variáveis sociais, foram selecionadas, também nessa ordem, a *faixa etária* e a *escolaridade*.

Para a variável *saliência fônica*, Monguilhott (2009) registrou os seguintes índices de concordância para as formas menos salientes: 21% e PR de 0.04 para as formas que não envolvem mudança na qualidade da vogal na forma plural (*conhece/conhecem*) e 83% com peso de 0.48, para as formas que não envolvem mudança na qualidade da vogal na forma plural (*ganha/ganham*), esses resultados indicam que as formas menos salientes não favorecem o uso da concordância padrão. Já para as formas com maior grau de *saliência fônica* entre singular/plural, os percentuais para a concordância padrão foram os seguintes: 84% com 0.50, para as formas que envolvem mudança na qualidade da vogal na forma plural (*era/eram*), 94% e PR de 0.74, para as formas que envolvem acréscimo de segmentos na forma plural (*diz/dizem*), e 92% com 0.69, para as formas que envolvem acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural (*é/são*). Tais resultados indicam que, os dois últimos fatores favorecem o uso da concordância padrão, enquanto que o primeiro se mostrou neutro.

As análises realizadas para testar a influência da variável *paralelismo formal no nível oracional* sobre a variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP indicaram que os fatores presença da forma de plural explícita no último ou único elemento do sintagma

nominal (*as mulheres não tinham direito ao voto*), com 86% de frequência e PR de 0.60; o sujeito nulo com anafórico com presença da forma de plural explícita (*todas as minhas amigas namoravam e vinham as festas aqui*), com 87% e PR de 0.66 e sujeito nulo com anafórico com presença de numeral terminado em /s/ no último elemento (*tem dois ali que tão na biblioteca, tão fazendo trabalho*), com frequência igual a 80% e PR de 0.58 atuaram no sentido de favorecer a concordância padrão.

Em contrapartida, os fatores presença da forma zero de plural no último elemento (*os homi ia assim tarrafeá*), com 52% e PR de 0.10; presença de numeral no último elemento (*os dois so estudu*), com 60% de frequência e 0.13 de PR e sujeito nulo com anafórico com presença da forma de zero plural (*os neto dele chamava ele de tolo, dizia: ah, o vô é tolo!*), com 68% e PR de 0.29, inibiram o emprego da concordância padrão.

O controle das variáveis sociais indicou que os falantes jovens com ensino superior e velhos com ensino superior favorecem o uso da concordância padrão, com índices de frequência iguais a 89%, 88% e pesos relativos de 0.74 e 0.52, respectivamente. Em sentido contrário, os falantes jovens com ensino fundamental e velhos com ensino fundamental inibiram o emprego da concordância padrão entre verbo-sujeito na 3PP, com 72% de frequência e PR de 0.32 e 67% e 0.28, respectivamente.

Região Sudeste

Monte (2007) estudou a variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP na comunidade periférica de São Carlos – SP, a partir de dados coletados em 20 entrevistas sociolinguísticas, elaboradas pelo estudioso, com homens e mulheres da comunidade que possuíam escolaridade nula ou cursavam o ensino fundamental pelo EJA e eram oriundos das regiões Norte, Sul e Sudeste da cidade. Alcançando um total de dados igual à 1.000, com 75% apresentando concordância não-padrão e 25%, concordância padrão, foram testadas variáveis linguísticas e sociais, dentre as quais, a *saliência fônica* e o *paralelismo formal no nível oracional* se destacaram, nessa mesma ordem. Dentre as sociais, o *gênero*⁹ e a *escolaridade* foram apontadas, também nessa ordem de seleção, como estatisticamente relevantes.

⁹ Usamos o termo gênero, em consonância com o trabalho original, para nos referirmos aos falantes do sexo masculino e feminino. Lembramos que, embora esse seja o termo adotado por Monte (2007), ele é usado apenas para fazer distinções biológicas. O mesmo é válido para o trabalho de Rubio (2008).

Para a *saliência fônica*, os dados apontaram que formas menos salientes (*fala/falam, quer/querem*) inibiram a concordância padrão, com frequências e pesos relativos iguais a 12%, 14% e 0.13, 0.49, respectivamente. Por outro lado, o maior grau de *saliência* entre as formas singular/plural dos verbos (*vai/vão, falou/falaram, teve/tiveram, é/são*) favoreceram a concordância padrão, com percentuais e pesos relativos equivalentes a 53% e 0.90; 57% e 0.93; 73% e 0.97 e 75% com 0.98, respectivamente. Com a variável *paralelismo formal no nível oracional*, o uso da concordância padrão foi favorecido pelas construções em que havia marcas plurais no último ou único elemento do SN sujeito (*meus pais obrigô eu trabaiá*), com 28% e PR de 0.62. Por outro lado, a concordância padrão não foi favorecida por construções sem marcas plurais no SN sujeito (*e os médico num achava o problema*), com 11% de frequência e PR 0.19.

Os fatores que constituíram a variável *gênero* mostraram que os homens não favorecem o uso da concordância padrão, com 25% e 0.45 de PR, ao contrário das mulheres, para as quais foi registrado 26% de frequência e peso relativo de 0.55. Já o fator *escolaridade* apontou que os falantes sem escolarização não favorecem a concordância padrão, com 19% e PR de 0.40, enquanto que os falantes escolarizados pelo EJA se mostraram aliados ao uso da concordância padrão, com 31% e PR de 0.60.

Em Rubio (2008), a comunidade estudada foi São José do Rio Preto – SP. A amostra da pesquisa foi constituída a partir da seleção de 76 entrevistas provenientes do banco de dados *Projeto Amostra Linguística do Estado de São Paulo*, o ALIP. A estratificação dos informantes se deu com base nas distinções entre gênero (masculino e feminino), escolaridade (I - 1º ciclo do ensino fundamental; II - 2º do ensino fundamental; III - ensino médio e IV - ensino superior) e faixa etária (I - de 7 a 15 anos; II - 16 a 25; III - de 26 a 35; IV - 36 a 55 e V - acima de 55 anos).

Dos 2.694 dados coletados, foi verificada a presença da concordância padrão em 70% das ocorrências e, em 30%, a concordância não-padrão. A partir disso, o autor observou a interação entre variáveis linguísticas e sociais sobre o uso da concordância padrão e não-padrão para a variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP. Em termos de significância, foram apontadas pelo VARBRUL e, nessa ordem, como estatisticamente relevantes, as variáveis linguísticas: *paralelismo formal no nível oracional* e *paralelismo*

formal no nível discursivo. Dentre os fatores sociais, foram selecionadas, também nessa ordem, a *escolaridade* e a *idade*.

Para a variável *paralelismo formal no nível oracional*, a presença de marcas pluralizadas no último elemento do SN-sujeito (*os dois lados deveriam parar porque só um lado querer num adianta, né?*) favoreceu a concordância padrão, atingindo uma frequência igual a 75% e PR de 0.56. Por outro lado, o fator marcas de plural no último elemento do SN-sujeito (*uns elemento tentou cerca ele... prá tirar uma certa satisfação pessoal*) não favoreceu o uso da concordância padrão, com 31% de frequência e peso de 0.17. Já o fator *paralelismo formal no nível discursivo* apontou que o fator verbo anterior com marcas de plural explícitas na fala do documentador favoreceu a concordância padrão, com percentual igual a 84% e peso de 0.64. Em contrapartida, o verbo anterior sem marcas de plural no discurso do falante ou do interlocutor não favoreceu o uso da concordância padrão, atingindo uma frequência de 27% e PR igual a 0.12.

Com a variável *escolaridade*, ficou evidenciado que, quanto maior o grau de instrução possuído pelos falantes, maior a probabilidade de haver a concordância padrão, isso porque, os informantes com ensino superior completo atingiram 87% de frequência e peso de 0.73, para a concordância padrão. De igual modo, os falantes com ensino médio completo também se mostraram aliados ao uso da concordância padrão, com 74% e PR de 0.52. Em sentido oposto, os falantes com o 2º ciclo do ensino médio atingiram um índice de 60% e PR igual a 0.40. Já, entre os que possuíam o 1º ciclo do fundamental, o percentual para concordância foi de 56% e peso de 0.28, dados que os revelam como não favoráveis ao uso da concordância padrão. O fator *faixa etária* indicou que os falantes mais velhos (faixa V: acima de 55 anos) favorecem a concordância padrão, com 73% e PR de 0.57, ao passo que os falantes mais jovens (faixa I: de 7 a 15 anos) não favoreceram a concordância padrão, com frequência igual a 56% e PR de 0.39.

O comportamento variável da concordância verbal com a 3PP e seus condicionadores linguísticos e sociais

Fatores Linguísticos

Ao observarmos a interação entre as variáveis linguísticas relevantes para o comportamento variável da concordância entre verbo-sujeito na 3PP, através dos estudos resenhados anteriormente, constatamos que a *saliência fônica, a realização, posição e distância entre sujeito e verbo da oração*, assim como o *paralelismo formal no nível oracional*, exerceram forte influência sobre o fenômeno em discussão, favorecendo ou cancelando o uso da forma padronizada. A primeira variável, *saliência fônica*, foi selecionada em praticamente todos os trabalhos analisados, figurando como uma das duas primeiras em quatro estudos: Oliveira (2005), Almeida (2006), Monte (2007) e Monguilhott (2009). A segunda variável, *a realização, posição e distância entre sujeito e verbo da oração*, também se mostrou relevante em quatro estudos: Oliveira (2005), Alves da Silva (2005), Sgarbi (2006) e Almeida (2006) e a terceira variável, *paralelismo formal no nível oracional*, em três deles: Monte (2007), Rubio (2008), Monguilhott (2009).

Posto isso, observemos algumas questões pertinentes acerca das variáveis linguísticas citadas. O princípio de *saliência fônica*, por exemplo, diz respeito ao grau de diferença entre as formas verbais no plural e singular. Desde que começou a ser observado nos estudos variacionistas sobre a variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP, com os trabalhos de Lemle e Naro (1977), Naro (1981), Scherre e Naro (1998), para citar apenas alguns, se mostrou bastante produtivo. Ao testarem tal fator, os estudiosos assumem que “as formas mais salientes e, por isto, mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes” (SCHERRE, 1989, p.301).

Essa premissa foi adotada em todos os estudos que discutimos e, para os quais, a *saliência fônica* sobre a manutenção ou apagamento das marcas de concordância padrão entre verbo-sujeito na 3PP se mostrou pertinente. Além de testada, tal hipótese foi também confirmada com os resultados obtidos. De modo geral, os dados apontaram uma tendência no sentido de manutenção da concordância padrão, quando a diferenciação fônica entre a forma verbal no singular e plural é mais evidente e menos provável em ambientes menos salientes ou perceptíveis.

Com a variável *a realização, posição e distância entre sujeito e verbo da oração*, segunda mais relevante para os trabalhos observados, o objetivo era observar, como o próprio nome da variável sugere, a influência da realização, posição e distância entre sujeito-verbo sobre o uso da concordância padrão e/ou não-padrão para a concordância entre verbo-sujeito

na 3PP. Essa variável, a exemplo da saliência fônica, tem se mostrado expressiva para os estudos sobre o fenômeno em tela e, também vem sendo amplamente testada, desde o estudo pioneiro de Lemle e Naro (1977).

Por realização, assume-se que o sujeito é realizado quando o falante o marca foneticamente com nomes substantivos, pronomes pessoais etc. A posição se relaciona com a possibilidade de o sujeito ser colocado antes ou depois da forma verbal. Já para a distância entre esses dois elementos, são atribuídos maiores ou menores graus de proximidade, segundo o número de elementos fônicos entre verbo-sujeito. Vale lembrar que, na maioria dos trabalhos, assim como os que discutimos aqui, a posição e o tipo de sujeito são tratados como fatores, nem sempre, unidos à distância entre verbo-sujeito. Contudo, optamos por citar a relevância desses elementos em conjunto dada a notória interdependência entre eles e diante de uma tentativa de simplificação.

No que concerne às hipóteses clássicas para o trato da variável *a realização, posição e distância entre sujeito e verbo da oração*, temos três: (i) o sujeito explicitamente marcado tende a influenciar a ausência de concordância padrão, ao passo que a não marcação fonética desse mesmo elemento contribui para o emprego da concordância padrão; (ii) o sujeito anteposto, ou à direita do verbo tende a favorecer a concordância padrão, ao contrário do sujeito posposto, ou à esquerda do verbo, neste caso, a concordância não-padrão tende a ser favorecida; (iii) quanto menor a distância entre verbo-sujeito, maiores as chances de o falante empregar a forma padronizada, por outro lado, uma distância maior entre eles tende a favorecer a concordância não-padrão. Tais conjecturas, frisamos, foram de fato, confirmadas nos estudos por nós observados.

O *paralelismo formal no nível oracional* foi a terceira variável linguística que mais se destacou nas pesquisas que observamos. Com ela, os estudiosos procuraram medir, basicamente, a influência da presença de marcas explícitas de plural no sujeito sobre a manutenção ou ausência das marcas de concordância padrão no verbo. Para tanto, a hipótese inicial, levantada por eles, era a de que a presença de marcas plurais explícitas no sujeito favoreceria a concordância padrão. Por outro lado, a sua ausência de marcas plurais no sujeito influenciaria, a ausência de marcas de concordância padrão, também, no sintagma verbal. Hipótese esta que, de fato, vem sendo confirmada.

O paralelismo formal no nível oracional, vale lembrar, é uma das dimensões que constitui a questão do paralelismo. Outra dimensão desse fator nos permite analisar a concordância através do paralelismo no nível discursivo, o que também costuma ser levado a cabo por muitos pesquisadores. O que geralmente é assumido com a observação deste último fator é a possibilidade de “a presença de pluralização no(s) verbo(s) anterior(es) levar a um maior índice de pluralização do(s) verbo(s) seguintes dentro da oração analisada” (RUBIO, 2008, p.50).

Ressaltamos, por último, que a interação entre as variáveis linguísticas testadas pelo pesquisador durante a observação de todo e qualquer fenômeno de variação é de extrema complexidade. Isso sugere, dentre outras coisas, que no trato de um mesmo fenômeno, uma mesma variável pode se mostrar relevante em uma comunidade, mas não em outra. Além disso, a sua observação se torna ainda mais apurada através dos chamados cruzamentos para os quais, por questões de espaço, não temos como dedicar maior atenção. Entretanto, frisamos que esses cruzamentos são de suma importância para as pesquisas, visto que com eles nos é possível medir justamente o peso e a influência de uma variável sobre a outra.

Fatores Sociais

Dentre as variáveis sociais, a *faixa etária* foi a que mais se destacou nos trabalhos que observamos, figurando de forma bastante notória em cinco deles: Oliveira (2005), Alves da Silva (2005), Almeida (2006), Monguilhott (2009) e Rubio (2008). Em seguida, temos os fatores *escolaridade* e *sexo/gênero* presentes de forma significativa em três trabalhos, respectivamente. Aquela se destacou nos estudos de Oliveira (2005), Monte (2007) e Rubio (2008) e esta em Alves da Silva (2005), Sgarbi (2006) e Monte (2007). A primeira delas, a faixa etária, assim como as demais, tem sido de grande valia para a observação dos fenômenos variáveis, isso porque se acredita que, dependendo da comunidade de fala, é possível identificar notáveis diferenças entre a linguagem de falantes jovens, adultos e idosos (CHAGAS, 2014).

Em seu conhecido estudo sobre a variação na pronúncia do /r/ retroflexo em posição pós-vocálica como em *car, card, four, fourth*¹⁰ (carro, cartão, quatro, quarto,

¹⁰ Ilustrações retiradas de Labov (2008 [1972], p.64).

respectivamente), bem como dos ditongos /ay/ e /aw/ nas cidades de Nova York e em Martha's Vineyard no estado de Massachussets, Labov (2008 [1972]) atestou que os falantes dessas comunidades apresentavam comportamentos notavelmente diferenciados, em relação a esses fenômenos, segundo a influência de suas respectivas faixas etárias. De forma mais específica, os falantes mais jovens considerados no referido estudo, se mostraram mais propícios ao uso das formas inovadoras ou não-padrão, ao passo que falantes mais velhos atuaram no sentido de conservar a forma conservadora ou padrão. Desde então, muitos dos estudos desenvolvidos em consonância com os postulados labovianos, adotam tal hipótese. No caso da variação entre verbo-sujeito na 3PP, mais especificamente, foi defendido, durante um longo tempo, que o uso da concordância não-padrão e inovadora estaria mais presente na linguagem de falantes mais jovens do que na de falantes mais velhos. Tais possibilidades, contudo, vem sendo refutadas.

Em praticamente todos os trabalhos analisados neste artigo, a tendência que observamos foi a de que falantes mais jovens, ao contrário do que se esperava, se mostram mais propícios ao emprego da concordância padrão do que falantes mais velhos. Esses resultados, naturalmente, levaram os pesquisadores a procurar explicações no perfil social dos falantes e uma das explicações mais plausíveis para tais descobertas é a de que os jovens por estarem, em sua maioria, procurando se inserir no mercado de trabalho, ao contrário dos mais velhos, procuram adquirir e usar formas mais próximas do padrão gramatical e geralmente mais prestigiadas.

Além da variável *faixa etária*, o *grau de escolarização*, também, se mostrou relevante para a variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP nas comunidades de fala estudadas pelos autores. A hipótese defendida foi a de que falantes com pouco ou nenhum grau de escolarização estariam usando com frequência significativamente, mais baixa, as formas padronizadas em relação aos indivíduos que apresentam mais escolaridade.

Essas expectativas costumam ser mantidas até mesmo na observação de fenômenos linguísticos que não são contemplados pela escola (SILVA; PAIVA, 1996), afinal, até na ausência da ação padronizadora de instituições de ensino, é comum que as sociedades elejam, geralmente com base em critérios desprovidos de respaldo científico, formas que devem ser tomadas como modelares. A eleição de tais elementos costuma ter como base a linguagem que supostamente é usada pela camada socialmente prestigiada, encarregada de

difundir e assegurar tais marcas entre seus membros, cabendo aos indivíduos de grupos tidos como inferiores, tentarem se apropriar delas da forma que podem, na luta pela ascensão social (BAGNO, 2009).

Os mecanismos de CV são preocupações frequentes no âmbito escolar. Para tais mecanismos, uma série de regras são elencadas, cabendo aos falantes que chegam até nossas salas de aula aprendê-las e empregá-las em suas atividades de interação verbal. Não obstante, os resultados obtidos nos trabalhos considerados aqui apontam para o que nos parece uma tendência. De forma mais direta, vimos que a concordância padrão entre verbo-sujeito na 3PP parece manter relação com o grau de escolaridade possuído pelo falante. Assim, a concordância padrão foi favorecida na fala de informantes com mais anos de escolarização, ao passo que os falantes com pouca ou nenhuma escolaridade não se revelaram aliados no uso da concordância padrão, mas sim, da concordância não-padrão, como no estudo de Oliveira (2005).

Além da *faixa etária* e da *escolaridade*, papel importante também foi atribuído à variável *sexo/gênero* sobre o comportamento variável da concordância entre verbo-sujeito na 3PP. Por exercerem papéis sócio-históricos diferentes, homens e mulheres tendem a apresentar diferenças linguísticas em suas atividades. Assim, nuances nas escolhas linguísticas de homens e mulheres podem ser sentidas em praticamente todos os níveis linguísticos: fonético, morfossintático, lexical, entre outros. Essas e outras constatações podem ser feitas a partir de observações superficiais, desde que cuidadosas. O que interessou, para os trabalhos que analisamos, foi apontar o *quantum* com que o *sexo/gênero* interfere no uso da concordância padrão e/ou não-padrão.

Sabemos que a questão da influência do sexo sobre a linguagem dos seres humanos costuma suscitar questões delicadas e paradoxais (LABOV, 2001), as quais têm sido constantemente alimentadas em face das descobertas feitas por estudos variacionistas realizados em comunidades de fala distintas, sobre os mais diferentes fenômenos variáveis. Em meio a isso, a hipótese clássica levantada pelos pesquisadores na observação da CV com a 3PP é a de que mulheres tendem a usar, com maior frequência, formas linguísticas com prestígio social mais elevado, isto é, a concordância padrão, ao contrário dos homens que, não raro, se mostram “menos preocupados com o uso de uma linguagem prestigiosa e até mesmo mais autorizado socialmente ao uso de um linguajar rude, utilizando, com maior frequência,

gírias e palavrões” (BAZORRO; AGUILERA, 2014, p.06), o que converge para o uso da forma não-padrão na variação entre verbo-sujeito na 3PP.

A hipótese clássica para a variável sexo/gênero se confirmou em dois dos trabalhos observados: Sgarbi (2006) e Monte (2007). Já em Alves da Silva (2005), ela foi refutada. Ao buscar explicações para tal descoberta, o estudioso observou que as relações mais estreitas nas comunidades estudadas eram estabelecidas pelas mulheres e constatou que “a mulher quer casada quer solteira tende a refletir a fala de seu espaço doméstico, apresentando valores de sua comunidade” (ALVES DA SILVA, 2005, p. 290). Vale lembrar que, no referido estudo, os índices de concordância não-padrão foram bem elevados, 83%. Isso fez com que o autor acreditasse que a ausência de concordância padrão poderia figurar como uma marca linguística das comunidades observadas. Assim, as mulheres, mais centradas em suas atividades desempenhadas em suas respectivas comunidades, se mostram aliadas ao uso da concordância não-padrão, ao contrário do que se esperava, como preservadora do traço de suas comunidades (ALVES DA SILVA, 2005). Em sentido oposto, os homens, supostamente por manterem relações mais ‘abertas’ com outras comunidades de fala, na maioria das vezes, por questões profissionais, realizam também em sentido oposto ao que se esperava, mais a concordância do que as mulheres.

Algumas considerações

Com este trabalho, constatamos que há registros de estudos sobre o comportamento variável da concordância entre verbo-sujeito na 3PP em praticamente todas as regiões brasileiras, o que não significa dizer que eles não possam ou não devam ser intensificados, visto que, para a região Norte, não tomamos conhecimento de nenhuma pesquisa e, para a região Centro-Oeste, apenas um estudo foi localizado. Também foi possível perceber que esse fenômeno é devidamente regulado por uma série de fatores linguísticos (*saliência fônica, a realização, posição e distância entre sujeito e verbo da oração e o paralelismo formal no nível oracional*) e sociais (*faixa etária, escolaridade, sexo/gênero*).

A esses elementos, procuramos dar maior ênfase, pois são eles que asseguram que a variação, fenômeno próprio das línguas naturais, não acontece de forma aleatória e acontece de forma sistemática. O estudo cuidadoso dessas variáveis ou fatores linguísticos e sociais serve para que possamos conhecer as regras que regem o uso das variantes linguísticas,

padrão e não-padrão, nos mais diferentes fenômenos variáveis, sempre em situações reais de interação e que, na grande maioria das vezes, não são contempladas pela tradição normativa. Com isso, estamos dando um passo importante na luta para tentar varrer a ilusão de que o uso das formas não padronizadas retrata uma espécie de incapacidade por parte dos falantes em usar os mecanismos de sua língua mãe. Essa pode, aliás, ser apontada como uma das maiores contribuições dos estudos sociovariacionistas para o estudo da organização e sistematização das línguas naturais.

Devemos lembrar, contudo, que, embora tenhamos apresentado os resultados mais relevantes para cada estudo, tanto no que tange às variáveis linguísticas quanto sociais, focando geralmente os fatores de forma particular, eles mantêm, entre si, uma relação delicada e direta, o que reclama que sejam observados, também, a partir das interações que estabelecem uns com os outros. Isto é possível, como já mencionamos, através da observação criteriosa dos chamados cruzamentos entre eles, estabelecidos pelos autores de cada estudo. Analisar tais mecanismos, naturalmente, não seria possível dentro do espaço que dispomos, contudo, acreditamos ter conseguido oferecer um panorama, ainda que breve, sobre quais fatores interferem na manutenção ou cancelamento da concordância padrão para a concordância entre verbo-sujeito na 3PP. Conhecê-los, reforçamos, é tarefa relevante para a compreensão dos mecanismos linguísticos, sempre com base no uso real.

Referências

ALMEIDA, A. P. de. *A concordância verbal na comunidade de São Miguel dos Pretos, Restinga Seca, RS*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, 2006. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ppgletas/defesas/2005/alessandrapreusslerdealmeida.pdf>. Acesso em: 28 Mai. 2016.

ALMEIDA, E. M. *Uso e norma: variação da concordância verbal em redações escolares*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas), Faculdade de Letras – UFRJ, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/AlmeidaEM.pdf>. Acesso em: 28 Mai. 2016.

ALMEIDA, G.; ANTONINO, V. A concordância verbal de terceira pessoa do plural em produções escritas de estudantes universitários. *Diadorim*, Rio de Janeiro-RJ, v. 8, 2011, p. 329-350. Disponível em: <http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br/index.php/revistadiadorim/article/view/201>. Acesso em: 13 Jun. 2015.

ALVES DA SILVA, J. A. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do Estado da Bahia*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, 2005. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/11634/1/Tese%20Jorge%20da%20Silva.pdf>. Acesso em 06 Mai. 2016.

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. 3ª ed. São Paulo-SP, Parábola Editorial, 2009.

BAZORRO, T. A.; AGUILERA, V. A. Sexo e Linguagem: uma análise a partir das sabatinas dos Ministros do Supremo Tribunal Federal Joaquim Barbosa e Rosa Weber. *Revista da ABRALIN*, v. 13, 2014, p. 13-38. Disponível em: ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/abralin/article/download/38256/23355. Acesso em: 14 Jun. 2015.

CHAGAS, P. A mudança linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à linguística I: objetos teóricos*. 6ª ed. São Paulo-SP, Editora Contexto, 2014, p.141-163.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N. de; MAY, G. H. *Para conhecer Sociolinguística*. São Paulo-SP, Editora Contexto (Coleção para conhecer linguística), 2015.

GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fonte, 1985.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo-SP, Parábola Editorial, 2007.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change – Social Factors*. Vol. II. Oxford: Blackwell, 2001. Disponível em: <http://www.wiley.com/WileyCDA/WileyTitle/productCd-0631179151.html>. Acesso em: 21 Mar. 2015.

_____. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEMLE, M.; NARO, A. J. *Competências Básicas do Português Mobral*. Rio de Janeiro: Fundação Ford, 1977.

MONGUILHOTT, I. de O. e S. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PE e no PB*. 2009. 229f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92838/268683.pdf?sequence=1>. Acesso em: 18 Fev. 2015.

MONTE, A. *Concordância verbal e variação: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos*. 2007, 120f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara – SP, 2007. Disponível em: http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/178001?locale=es_ES. Acesso em: 02 Fev. 2015.

MORATO, E. M. O interacionismo no campo linguístico. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à Linguística v.3: fundamentos epistemológicos*, 5ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011, p. 311-351.

NARO, A. J. The social and structural dimension of a syntactic change. *Language. LSA*, V. 57, n. 1, 1981. p.63-98.

OLIVEIRA, M. dos S. *Concordância verbal de terceira pessoa do plural em Vitória da Conquista: variação estável ou mudança em progresso?* Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Universidade Federal da Bahia. 2005. 190f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia. 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10981>. Acesso em: 03 Jan. 2015.

PINTZUK, S. *Programas VARBRUL*. Rio de Janeiro-RJ, UFRJ, 1988.

RUBIO, C. F. *A concordância verbal na língua falada na região noroeste do estado de São Paulo*. 2008, 153f. Dissertação (Mestrado em Letras e Ciências Exatas) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/175432?mode=full>. Acesso em: 02 Mar. 2015.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONT, S. A; SMITH, E. *Goldvarb X: A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em 17 Nov. 2015.

SCHERRE, M. M. P. Sobre o princípio da saliência fônica na concordância nominal. In: TARALLO, F. (Org.). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas-RJ, Pontes, 1989, p. 33-47.

_____.; NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. Editora Contexto, São Paulo-SP, 2012, p.147-177.

_____. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: RUFFINO, G. (Org.) *Dialetologia, geolinguística, sociolinguística*. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguística e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, v.5, p. 509-523, 1998.

SGARBI, N. M. F. de Q. *A variação na concordância verbal entre os falantes do Mato Grosso do Sul*. 2006. 196f. Tese (Doutorado em Ciências e Letras). Universidade Estadual Paulista, 2006. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/handle/11449/103490>. Acesso em 16 Jun. 2015.

SILVA, G. M.; PAIVA, M. C. A. de. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1996, p. 335-378.